



**REUNIÃO ANUAL DAS ASSEMBLÉIAS DE GOVERNADORES**

**FORTALEZA, BRASIL**

AB-2191  
12 março 2002  
Original: inglês

**DISCURSO DO GOVERNADOR SUPLENTE PELA FINLÂNDIA  
NA TERCEIRA SESSÃO PLENÁRIA**

*Jorma Paukku*

1. Tenho hoje o grande prazer e a oportunidade de dirigir a palavra a este ilustre público em nome de meu Governo. Desejo unir-me a meus colegas exprimindo o agradecimento de minha delegação à cidade de Fortaleza, ao estado do Ceará e ao Governo do Brasil pela cálida hospitalidade e acolhida.
2. Não é preciso repetir o quanto o mundo mudou no último ano. Já o ouvimos ontem alto e bom som nos discursos dos três Presidentes. Entretanto, os últimos eventos expuseram mais uma vez a vulnerabilidade da América Latina aos choques econômicos. Infelizmente, o crescimento econômico e as reformas estruturais implementadas na década de 1990 não produziram uma situação econômica sólida nem levaram à redução da pobreza na região. Os ativos e o crescimento econômico em geral estão divididos neste Continente de forma desigual, e o mesmo sucede com os impactos negativos dos choques econômicos e de outra natureza. Esta distribuição injusta é muitas vezes evidente, de modo especial, entre as mulheres e as pessoas de baixa renda, que empobrecem ainda mais; os indígenas continuam excluídos e os ganhos obtidos anteriormente continuam a ser perdidos quando ocorrem novas perturbações.
3. Passando ao papel do Banco, os Governadores chegaram a um consenso para melhorar a capacidade de reação do BID. Acolhemos com satisfação o novo quadro. Como a proposta já recebeu o quorum necessário para aprovação, devemos concentrar-nos em sua implementação tempestiva. Levando em conta a base de recursos do Banco, que é estável mas limitada, a nosso ver o elemento mais importante para que permaneça relevante para os acionistas é melhorar a eficácia das operações para o desenvolvimento, mesmo sem recursos adicionais. Acolhemos o trabalho realizado pela Administração e pelo Escritório de Avaliação e Supervisão para esclarecer e melhorar o processo. Entretanto, necessita-se de ação adicional e rápida, para introduzir, entre outros elementos, medidas e mecanismos específicos. Primeiro, para vincular a assistência prestada pelo BID de modo que se volte mais para as necessidades e metas do desenvolvimento nacional. Segundo, para imprimir em sua cultura corporativa a gestão por resultados e intensificar a orientação para os resultados, especialmente nos programas e operações nos países. Terceiro, para melhorar a capacidade de

medir o progresso e aprender com os resultados. E quarto, para ressaltar a participação efetiva e a responsabilidade dos governos.

4. Paralelamente ao processo dos Governadores, o Presidente Iglesias encarregou outro grupo de estudar a arte de ser relevante. O Grupo de Assesores Externos, sob a liderança do Senhor Gurría, apresentou recentemente, seu relatório. Acolhemos com satisfação a nova maneira de pensar e especialmente as recomendações relacionadas com a criação e adaptação do ambiente para o desenvolvimento do setor privado e melhoria da gestão de risco do Banco. Acolhemos também o esboço apresentado pelo Presidente Iglesias sobre a melhor forma de incorporar ao novo quadro de financiamento o conceito constante do relatório, transformando-o em programas e ações. Meu Governo atribui a máxima importância ao fato de que as novas idéias sobre a forma de permanecer relevante incluem todos os países, independentemente de seu tamanho ou importância global.

5. No último ano, foi elevado o teto de financiamento do Banco para a estratégia do setor privado. No entanto, prossegue a discussão sobre o modo como o Banco poderia se tornar mais relevante, especialmente atraindo o fluxo de investimentos privados de volta à região. Uma proposta é criar novos instrumentos, que reduzam os riscos para os investidores privados. Outra sugestão seria estabelecer novas instituições a fim de atrair o financiamento do setor privado para atividades suscetíveis de financiamento bancário em países de alto risco. A nosso ver, o setor privado da região continua a ser a força propulsora do crescimento econômico, mas precisa dos incentivos certos para fazer investimentos produtivos de longo prazo. Isto se aplica tanto aos investidores nacionais como aos estrangeiros.

6. Entendemos que essa discussão sobre os incentivos certos e sobre o papel do BID deve ser ampliada. Não basta abordar o nível de instrumentos que proporcionariam apoio adicional ao setor privado. A discussão deve incluir questões de política e estratégia. Estamos convencidos de que se necessita de uma estratégia abrangente para obter ações e resultados.

7. Tenho de acrescentar a minha voz à dos milhões e milhões de pessoas que estariam dispostas a participar de atividades produtivas e escapar da pobreza, em vez de depender dos programas de seguridade social do setor público. Ao mesmo tempo, a meu ver, há outro coro que nós, como representantes de governos e organizações internacionais, devemos ouvir com mais atenção: as vozes do próprio setor privado. Precisamos manter um diálogo com as corporações multinacionais, pequenas e médias empresas e pequenos empresários privados, a fim de tomar conhecimento de suas percepções sobre o quadro apropriado de incentivos. Ficaríamos surpresos ao perceber que o incentivo tem outros aspectos além do financeiro. Mas também na área de incentivos financeiros o BID poderia, de modo especial, examinar mais atentamente a possibilidade de desenvolver ainda mais os tipos de parceria entre os setores público e privado que o Chile e outros governos da região vêm experimentando com resultados cada vez mais positivos.

8. O setor privado e o financiamento que proporciona é um dos elementos de uma abordagem coerente ao desenvolvimento a ser discutida muito em breve no contexto da Conferência de Financiamento para o Desenvolvimento. Lamentamos o fato de o Banco, até recentemente, ter sido apenas um espectador nesse processo. Instamos o Banco a esclarecer a sua posição com relação ao sistema da ONU, a fim de obter visibilidade e acesso a esse fórum global.

9. Nós nos sentimos animados ao ouvir o Presidente Iglesias afirmar que o Banco está incorporando as Metas de Desenvolvimento do Milênio em seus processos de planejamento, programação e monitoramento. O Banco deve também ajudar seus países membros a colocarem a redução da pobreza no centro de suas políticas econômicas e sociais.
10. A redução da pobreza é a primeira Meta de Desenvolvimento do Milênio, e a mais importante. Reduzir pela metade o número de pessoas que vivem em pobreza extrema até 2015 é um desafio de enormes proporções. Esse desafio requer um firme compromisso nacional, a reavaliação das prioridades e a reformulação das políticas atuais. Nenhum montante concebível de assistência externa poderia ajudar a região a alcançar suas metas sem profundas reformas dos sistemas de incentivos que promovem, por um lado, a poupança interna e os investimentos de longo prazo e, por outro, a tributação e a redistribuição da renda. A meta de redução da pobreza só poderá ser alcançada se os problemas da pobreza forem realmente enfrentados nos países de renda média. Aqui o Banco pode fazer uma diferença. Mencionou-se que a redução da pobreza é uma questão moral. Não resta dúvida que é. É também uma questão de justiça, justiça para as pessoas que não podem defender a si mesmas. Não resta a menor dúvida a este respeito. Porém, além disso, não podemos esquecer que a redução da pobreza é também uma questão de puro cálculo econômico, porque, meus caros colegas, o aumento das oportunidades para os pobres também leva ao crescimento econômico.
11. À guisa de conclusão, gostaria de mencionar duas áreas em que vemos potencial para melhorar a parceria. Primeiro, a Finlândia deposita grande confiança no BID como promotor do desenvolvimento econômico e social na América Latina e no Caribe. Como membro da União Européia, a Finlândia também está comprometida a fortalecer os vínculos comerciais entre a União Européia e o Mercosul, bem como entre a União Européia e o Chile. A Segunda Cúpula União Européia-América Latina, a realizar-se em Madri em maio, também oferece novas oportunidades para reforçar ainda mais os vínculos entre estas duas regiões em benefício mútuo. Mesmo agora, os principais países da América do Sul exportam mais para a Europa do que, por exemplo, para os Estados Unidos.
12. E, em segundo lugar, desejo assinalar a suprema importância da inclusão social no crescimento econômico. A Finlândia, juntamente com outros países nórdicos, tem trabalhado ativamente, de modo especial, na promoção da agenda social do Banco. Em janeiro deste ano organizamos um proveitoso seminário sobre Pobreza e Gênero entre o Banco e os países nórdicos. (Ver [http://www.iadb.org/sdc/soc/publication\\_2547\\_e.htm](http://www.iadb.org/sdc/soc/publication_2547_e.htm)). Também vimos co-financiando seminários sobre questões sociais nas Reuniões Anuais. Este ano os países nórdicos co-patrocinaram o inspirador seminário sobre HIV/AIDS.
13. Finalmente, permitam-me expressar meus profundos agradecimentos ao Presidente Iglesias e a todo o seu pessoal pelo progresso atingido desde o ano passado, e também pelo espírito positivo e construtivo com o que nossa colaboração e diálogo vêm sendo conduzidos.